

RESENHA

UCHÔA, C. E. Falcão. **Iniciação à linguística: fundamentos essenciais.** Rio de Janeiro: Lexikon, 1919, 239 p.

As últimas décadas vêm-se caracterizando pela intensa produção linguística no Brasil, um natural reflexo da diversificada e pujante ramificação de modelos teóricos que circulam nos corredores universitários e amparam projetos de pesquisa sobre o inesgotável tema da fenomenologia da linguagem humana. Portanto, não nos ressentimos de estudo vário e, em sua maioria, qualificado, razão por que o público interessado está fartamente servido de ideias e propostas de investigação renovadas neste mister, ainda misterioso, de descrição do funcionamento e do uso das línguas naturais. Isto, ressalte-se, em um momento de crise editorial que vem atingindo sem piedade o mercado de livros e a cada dia mais restringe as iniciativas de suprir o leitor de novos títulos para enriquecimento e difusão do saber científico.

As recentes publicações, entretanto, parecem coincidir em um aspecto peculiar: destinam-se ao leitor iniciado em questões linguísticas, via de regra a um leitor específico de dado paradigma da Ciência Linguística, um natural resultado do aprofundamento da atividade investigativa, de que decorre ficar o leitor iniciante desprovido de textos propedêuticos que o auxiliem no início da caminhada acadêmica, mormente nos primeiros anos dos cursos de graduação em Letras e Linguística. São, com efeito, estudos ricos e instigadores, porém imersos em uma metalinguagem de tal especificidade que somente aos já tarimbados pela labor da pesquisa aprofundada é dado o privilégio de absorver seu conteúdo e usufruí-lo como fonte de saber. Em suma, parece faltar em nossa bibliografia especializada um dado estudo que ajude o jovem estudante em seus primeiros passos acadêmicos.

A leitura de *Iniciação à linguística: fundamentos essenciais*, de Carlos Eduardo Falcão Uchôa, vem preencher com magistral eficácia esta lacuna bibliográfica, fato que não há de surpreender, dada a larguíssima experiência do Autor, não só como docente de Linguística por várias décadas em importantes universidades brasileiras, mas também como investigador consagrado e respeitado no meio acadêmico. A perspectiva de servir ao aluno, sobretudo aos discentes iniciantes, percebe-se de imediato em suas prévias *Palavras necessárias*, que advertem o leitor de que “este livro, conforme o título e o subtítulo já indicam, não se destina aos linguistas” (p. 11), para em seguida

ratificar: “seu público alvo é constituído pelos alunos que ingressam ou estão prestes a ingressar nos cursos de Letras ou de Comunicação, e também por todos os profissionais que lidam com a linguagem” (p. 11).

Um aspecto relevante na concepção deste novo manual de Linguística diz respeito às fontes teóricas que sempre inspiraram as ideias do Autor, desde os primeiros anos de atividade docente, em que atuou como assistente de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, passando por gerações de teóricos que contribuíram para sua formação intelectual e moldaram sua visão sobre a fenomenologia da linguagem. Além do próprio Mattoso Câmara, destaque-se a presença de Eugenio Coseriu no ideário linguístico do Autor, fato que se verifica em outros trabalhos já publicados e vem ratificar-se neste que ora vem a lume. Por outro lado, não se pode olvidar outro aspecto notável na formação do Autor, especificamente sua base de análise filológica, responsável pela exemplificação das teses apresentadas com *corpus* de língua literária em que figuram Autores mais distantes no tempo, tais como Fagundes Varela, ao lado de outros contemporâneos, entre eles Carlos Drummond de Andrade.

A pergunta retórica que abre o primeiro capítulo – Afinal, que faz o linguista? – é um convite à reflexão sobre o mister deste profissional tão desconhecido na sociedade, razão por que sua atividade chega a ser confundida com a de outros profissionais. O fato não é novidadeiro, por sinal, conforme nos informa Edward Sapir no artigo *The grammarian and his language*, publicado originalmente em 1924 na revista *American Mercury*, em que o renomado linguista norte-americano atesta que o cidadão comum demonstra certo desprezo pelos estudos linguísticos, convencido de que são absolutamente inúteis do ponto de vista pragmático. Passado quase um século, as dúvidas sobre o papel social do linguista persistem, uma natural consequência do desconhecimento que o público leigo tem sobre a própria finalidade desta ciência denominada Linguística, sobretudo se confrontada com a finalidade da gramática, ordinariamente mais reconhecida por seu teor normativo.

Em linguagem acessível e clara, o Autor apresenta ao leitor a Linguística como atividade científica, salientando a neutralidade axiológica do linguista como fator decisivo para que a linguagem humana seja estudada sem reservas ou preferências, de tal sorte que a língua seja descrita em todas as suas vertentes e na integralidade de sua complexidade sistêmica, desde os fatos fonológicos até os fatos semânticos, perpassando as camadas da morfologia, da sintaxe e do léxico. Preocupa-se, ainda, o Autor em distinguir o campo de trabalho do linguista em face do campo de atuação do gramático, ratificando que ao primeiro

não importa posicionar-se a favor ou contra dada vertente de uso, visto que sua atividade é incompatível com o juízo de valor normativo. Ao gramático normativo, com efeito, cabe descrever os parâmetros da língua padrão, sem descurar, entretanto, da inevitável mudança por que passa a língua no decurso do tempo e, decorrentemente, da necessária atualização dos parâmetros do uso exemplar.

O capítulo 2 é um convite à discussão sobre a natureza da linguagem humana e seu papel no corpo da sociedade, conceitos em que se percebe o alinhamento do Autor às teses do relativismo linguístico que atribuem à linguagem a função cognoscitiva que nos permite conhecer o mundo em que vivemos: “é enquanto forma de conhecer que a atividade verbal vai dando sentido ao mundo para nós” (p. 44). Sua exposição desta constatação, que remonta à Hipótese de Sapir-Whorf, faz-se didaticamente em uma analogia bastante esclarecedora, a de que só conseguimos exprimir o que as coisas do cotidiano, tais como as frutas, os amigos, as flores, a música etc., significam para nós se nos pudermos valer do conhecimento linguístico. Como bem salienta o Autor, cada língua atua como um meio de simbolização do mundo, de modo muito próprio ou peculiar, de tal sorte que a diversidade linguística que caracteriza a humanidade é o fator responsável pela correspondente diversidade cultural, ou seja, somos culturalmente distintos porque somos linguisticamente plurais.

Um conceito teórico relativamente recente, advindo do funcionalismo coseriano, constitui o tema a que o Autor se dedica no capítulo 3. Cuida-se aqui do conceito de competência linguística e sua implicação para entendermos como a língua atua em dimensões distintas no ato de comunicação. A visão tridimensional da língua, com que Coseriu distingue o saber elocucional do saber idiomático e do saber expressivo, é traduzida para o leitor em linguagem simples e notavelmente esclarecedora, de tal sorte que os iniciantes em matéria linguística não terão dificuldade em absorver esses conceitos tão relevantes para que se possa entender as distintas dimensões em que a competência linguística do falante atua no ato de comunicação. A constatação tão difundida de que “escrever mal” não significa incompetência idiomática, senão incompetência elocucional, é aqui minuciosamente explicada em lição preciosa para o que dão os primeiros passos na edificante carreira docente de língua vernácula.

Os capítulos 4 e 5 aprofundam os conceitos sobre competência linguística, dando mais informações seguras sobre o que significa dominar uma língua e quais são os parâmetros efetivos do saber gramatical. Aqui, o linguista e o filólogo dialogam em um só texto, já que conceitos consagrados no âmbito da ciência linguística buscam irmanar-se a princípios fundamentais do estudo

filológico, de tal sorte que o leitor caminhe por essas duas sendas sem receio de confundi-las e com a segurança necessária para aproveitar o máximo da caminhada. No plano do saber linguístico, cuida o Autor dos planos da língua como sistema, com seus subsistemas, de que decorre um passeio pelo processo de construção frasal em que atuam os componentes fonológico, morfológico e sintático, responsáveis pela arquitetura da unidade de comunicação dita gramatical ou sistêmica. Também se ocupa o Autor, sem exageros meta-linguísticos, em introduzir a noção de paradigma e sintagma, em que itens lexicais de igual natureza gramatical ocupam lugares sintáticos específicos no corpo da frase, decerto um momento da obra em que o Autor se vale com eficácia de conceitos estruturalistas, tais como o de unidade significativa e a correspondente função sistêmica.

Já ao tratar do saber gramatical, tema que tantas linhas se vêm produzindo na bibliografia contemporânea, vale-se o Autor de sua larguíssima experiência no campo da Linguística aplicada para apresentar um quadro em que o ensino da gramática deve sempre fundamentar-se na análise dos denominados erros idiomáticos, a fim de que não enverede o docente pela opção mais prática e decerto inidônea de ensinar um norma padrão sem o necessário comentário acerca das razões científicas que explicam os referidos erros como uma natural variação de usos linguísticos no seio da sociedade. A aula de português, como sabemos, já há muito tempo distanciou-se do ensino normativo *tout court*, ensimesmado em uma redoma de excelência que não contribui para que o educando tenha visão ampla dos usos linguísticos no seio da sociedade em que vive. Ciente do papel renovado que tem o professor de língua portuguesa em sala de aula, o Autor não hesita em renovar a lição de que aos professores cabe ensinar a norma padrão sempre em consonância com a norma coloquial que o aluno traz do ambiente familiar, numa atitude pedagógica que não busca elidir a segunda em face da primeira, mas de compatibilizá-las em face do ambiente discursivo em que o falante se encontra.

Por sinal, os temas mais intimamente ligados aos comentários oferecidos no campo da competência elocucional e idiomática, nomeadamente a mudança linguística, a variação linguística e a arquitetura do texto, foram os que o Autor diligentemente tocou no arremate da obra, mormente o instigante estudo do texto, já que aqui se cuida dos recursos que interagem no ato de comunicação e revelam a maior ou menor capacidade do falante de expor suas idéias e fundamentá-las argumentativamente no discurso. Mais uma vez, recorre o Autor às lições cosserianas que privilegiam o saber expressivo na tríade dos

saberes linguísticos, já que é nessa competência em especial que o falante não só se serve do sistema, como contribui criativamente para sua mudança, de tal sorte que a própria gramática eventualmente venha a modificar-se em plano diacrônico.

Por sinal, não descarta o Autor da premissa, hoje acatada no âmbito da Linguística Textual, de que a atuação do falante no ato discursivo é dotada de complexidade expressiva, em que cooperam todos os saberes linguísticos na edificação de uma competência discursiva, em que atuam elementos linguísticos, tais como a figura do interlocutor, o ambiente social em que se constrói a comunicação, a par de pressuposições compartilhadas pelos atores da interlocução, tudo isso em prol da eficácia na urdidura do texto. Ao lado da competência idiomática, funciona muito mais decisivamente a competência expressiva, conforme a denomina Coseriu, responsável por uma teia semântica complexa na produção e recepção de sentidos em que a responsabilidade pela eficácia da comunicação não se adstringe ao emissor da mensagem, senão também ao receptor. Conforme assevera o Autor, “o texto vai exigir então do receptor a ativação de conhecimentos armazenados em sua memória, adquiridos através de inúmeras atividades ou experiências em que se envolveu ao longo da vida, deixando entrever assim a intrínseca relação entre linguagem/mundo/práticas sociais” (p.208).

Enfim, a leitura de *Iniciação à linguística: fundamentos essenciais* revela-se imperativa para os que se iniciam nos estudos linguísticos e desejam servir-se de um texto propedêutico claro e objetivo, que apresente conceitos fundamentais para pavimentar a longa estrada que se apresenta à frente na formação acadêmica. É, sem dúvida, um livro que se impõe nos primeiros momentos do estudo linguístico e que se revela igualmente útil mesmo para os que não fazem da Linguística seu mister, mas que se interessam por questões de linguagem e desejam enriquecer o conhecimento da língua que falam no cotidiano da comunicação social.

Ricardo Cavaliere
ricardocavaliere@id.uff.br